Organizadores

Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques

Giros à direita

Análises e perspectivas
sobre o campo
libero-conservador

SER
TÃO
CULT

Fabiano Godinho Faria é graduado e mestre em história social pela Universidade Federal Fluminense e doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente leciona como professor efetivo no Instituto Federal do Rio de Janeiro.

Mauro Luiz Barbosa Marques é historiador. Doutor pela UNISINOS (RS) e professor no Instituto Federal de Pernambuco. Dedicar-se à pesquisa em temas como mundo do trabalho e história dos pensamentos políticos.

Organizadores

Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques

Giros à direita

Análises e perspectivas
sobre o campo
libero-conservador

Sobral
2020

SER
TÃO
CULT

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138

Renato Parente - Sobral - CE

(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222

contato@editorasertaocult.com

sertaocult@gmail.com

www.editorasertaocult.com

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Antonio Iramar Miranda Barros

Camila Teixeira Amaral

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Cícero João da Costa Filho

Francisco Dênis Melo

Geranilde Costa e Silva

Gilberto Gilvan Souza Oliveira

João Batista Teófilo Silva

Juliana Magalhaes Linhares

Maria Aparecida de Sousa

Raimundo Alves de Araújo

Raul Max Lucas da Costa

Regina Celi Fonseca Raick

Tito Barros Leal de Pontes Medeiros

Valeria Aparecida Alves

Viviane de Souza Lima

Telma Bessa Sales

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Ilustrações

Mateus de Paula Pimentel Ferreira

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

G527   Giros à direita: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador./ Fabiano Godinho Faria, Mauro Luiz Barbosa Marques, (Organizadores). - Sobral- CE: Sertão Cult, 2020.

254p.

Número ISBN: 978-65-87429-04-5 - papel

Número ISBN: 978-65-87429-05-2 - E-book-pdf

Doi: 10.35260/87429052-2020

1. Política. 2. Liberalismo. 3. Conservadorismo. 4. Progressivismo. I. Título. II. Faria, Fabiano Godinho. III. Marques, Mauro Luiz Barbosa.

*Agradecemos o apoio das seguintes entidades sindicais
de servidores dos Institutos Federais de
Educação, Ciência e Tecnologia:*

Sumário

Apresentação / 9

Extrema direita e neofascismo: um fenômeno planetário: o caso Bolsonaro / 13
Michael Löwy

Neoliberalismo e (neo)autoritarismo: uma perspectiva de longo prazo a partir de casos do cone sul da América Latina / 20
Hernán Ramírez

Ultraliberalismo autoritário e o aprofundamento da dependência: o governo de extrema direita no Brasil no contexto da crise latino-americana / 46
David Moreno Montenegro

A reorganização da extrema direita latino-americana no ascenso bolsonarista: fóruns e redes organizativas / 71
Rejane Carolina Hoeveler

A direita unida em torno de Bolsonaro: uma análise da rede conservadora no Facebook / 90
Celina Lerner

Alguma coisa está fora do tempo: a doutrina da guerra revolucionária e o delírio anticomunista da família Bolsonaro / 122
Fabiano Godinho Faria

Um balanço crítico dos primeiros 18 meses da política educacional do governo Bolsonaro / 159
Michelangelo Torres

A revolução a partir da extrema direita: análises dos projetos da Ação Integralista Brasileira (AIB) e do Nacional Sindicalismo (N/S) / 174
Felipe Cazetta

Armas, literatura ‘panfletária’ e antissemitismo: a postura conservadora de Gustavo Barroso no Brasil dos anos 1930 / 193

Cícero João da Costa Filho

Uma direita “plural”: configurações ideológicas e organizações políticas da direita brasileira contemporânea / 222

Fábio Gentile

Um fantasma ronda o mundo, o fantasma de Gilead / 241

Mauro Luiz Barbosa Marques

Apresentação

Parece evidente um crescimento expressivo de correntes denominadas como “extrema direita”, entre outros termos, que chegaram ao poder em várias partes do mundo, desde a América, com EUA, Brasil e Colômbia, passando pela Europa, de Hungria e Polônia, chegando à Ásia, de Israel, Turquia e Índia, entre tantos outros Estados Nacionais. Especialmente após a crise econômica global de 2008, saídas por este viés socioeconômico tiveram seu grau de influência ampliando imensamente.

Tal fenômeno não demonstra ser efêmero, apesar de importantes dificuldades onde é aplicado na gestão estatal. Ainda que não reste clara a duração desse processo, ele merece toda atenção e problematização necessárias, pois traz às disputas políticas globais novos elementos nem sempre compreendidos, especialmente pela massa crítica progressista. Estes alinhamentos vinculados à direita extrema, via de regra, combinam de forma contraditória e complementar aspectos conservadores e ultraliberais, regados a práticas autoritárias de cunho neofascista. Em comum, tendem a rejeitar ou reagir a qualquer risco que coloque em xeque a ordem instituída, apesar de uma aparência difusa antissistêmica. Este avanço das direitas extremas pode ser um desdobramento do fracasso do neoliberalismo tradicional em promover a elevação geral do nível de vida pela instalação de uma sociedade de competição perfeita. Como os resultados foram o oposto, apostam numa guinada de ódio em que culpabilizam os setores política e socialmente mais vulneráveis. Ao mesmo tempo, alternativas políticas ao modelo neoliberal tiveram inúmeras dificuldades e limites nas práticas políticas efetivas.

Desde suas origens, os conservadores são umbilicalmente ligados à defesa da tradição, da hierarquia e temem o “novo”. Historicamente ligam-se a uma ideia de alternativa global à modernidade, ao pensamento progressista e especialmente revolucionário, que reduziu o poder do chamado *Antigo Regime* europeu. Correntes liberais contribuíram em muito para tal virada histórica difundindo ideias sobre a possibilidade do indivíduo autônomo aperfeiçoar sua vida a partir de transforma-

ções baseadas na iniciativa, no progresso e na racionalidade. Curiosamente, liberais e conservadores se aproximaram em muitos sentidos, especialmente a partir da metade do século XIX. Mergulhar em tal problemática, também debatida aqui nesta obra, tem sua centralidade para entender tal processo político contemporâneo. Apenas o pragmatismo político explica tal aproximação?

Os elementos contemporâneos após 2008 carregam um cenário marcado pela decadência econômica e a busca da retomada da taxa de lucros do capital, a constante migração massiva em diversos pontos do planeta, especialmente no sentido “sul-norte”, o desemprego e precarizações extremas da força de trabalho. A falta de respostas de governos de diversas matizes distintas da extrema direita, entre outros fatores, se somam num caldeirão que permite a nova germinação de valores se não esquecidos, bastante minoritários no pós 2ª Guerra Mundial. Assim, neste momento em que o pêndulo político global se movimenta à direita, organizamos esta publicação e convidamos à sua leitura. É pretendido aqui discorrer sobre características, origens, concepções e práticas das “direitas”, em suas diversas matizes, priorizando a compreensão deste problema na contemporaneidade, mas debruçado na longa duração para a devida e aprofundada análise do tema.

Para tal objetivo, onze autores com seus respectivos artigos estão aqui elencados. **Michael Löwy** abre a série de capítulos desta obra discorrendo sobre a amplitude planetária da ação da direita extrema, dialogando com conceitos como fascismo, populismo e neofascismo, colocados à luz da prática política destes partidos e governos espalhados por inúmeros países. Ainda na perspectiva transnacional, fundamental ao tema, **Hernán Ramírez** traz a origem do neoliberalismo, especialmente no Cone Sul americano, e o relaciona com as engrenagens de sistemas autoritários praticados nos Estados da região e chega, temporalmente, a debater tal relação no tempo presente.

David M. Montenegro analisa a ascensão do governo Bolsonaro dialogando com o conceito de fascismo dependente pensado na longa duração, tendo como partida os regimes civis militares surgidos da década de 1960 em diante no espaço latino-americano e superando as variadas experiências de esquerda que assumiram o poder a partir do final do século passado. Na perspectiva do tempo presente, **Rejane C. Hoeveler** traz em seu capítulo um estudo sobre as múltiplas relações políticas, militares e empresariais entre as extremas-direitas latino-americanas, bem como suas conexões no último período, especialmente com a eleição de Jair Bolsonaro.

O capítulo escrito por **Celina Lerner** utiliza grafos que demonstram as relações entre mais de nove mil grupos no Facebook que formaram a rede libero-con-

servadora atuante nos últimos anos no Brasil. Uma impressionante radiografia deste instrumento utilizado pelos setores de direita com grande competência e ousadia neste período recente. Por sua vez, **Fabiano Godinho Faria** resgata a Doutrina da Guerra Revolucionária, uma espécie de “teoria da conspiração” importada do exército francês no final da década de 1950, que se tornou a alma da conspiração que derrubou João Goulart. No governo de Jair Bolsonaro, em pleno século XXI, essa mesma doutrina está sendo novamente resgatada das cinzas para justificar o renovado combate à ameaça do comunismo.

Navegando de forma comparativa entre os primeiros períodos republicanos de Brasil e Portugal, **Felipe Cazetta** retrata o embate do integralismo lusitano e brasileiro contra o liberalismo, as correntes socialistas bem como às formas democráticas, mesmo mínimas, de organização societal. No mesmo período histórico, **Cícero João da Costa Filho** analisa a trajetória intelectual de Gustavo Barroso, com destaque ao antissemitismo como elemento fundamental do projeto integralista do qual este intelectual nordestino ocupava a função de chefe da milícia. Nestes dois artigos, o integralismo é desnudado como importante corrente conservadora do início do século passado.

Fabio Gentile pensa em seu artigo configurações ideológicas e as organizações políticas da direita brasileira contemporânea. Traz e analisa a categoria de direita “plural”, destacando a tensão liberalismo-autoritarismo, algo presente na história do Brasil. Assim, o fenômeno da direita brasileira é pensado pelo autor numa perspectiva histórica e vinculado às tradições doutrinárias de longa duração. Por seu turno, **Mauro Luiz B. Marques** apresenta uma análise contextualizada da série distópica de imenso sucesso “O Conto da Aia”. Indo bem além do conteúdo da série em si, o autor relaciona a proposta ficcional distópica da autora com o cenário estadunidense, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, bem como desnuda aspectos centrais da doutrina ultra-liberal e ultraconservadora daquele país.

Michelangelo Torres aborda uma análise crítica dos primeiros 18 meses da política educacional do governo de extrema direita no Brasil. O andamento da análise recai sobre as continuidades e descontinuidades da política educacional no governo Bolsonaro em relação a governos que o precederam. A hipótese é que há, por um lado, o intuito de uma consolidação ideológica de base conservadora que pretende impor, por viés autoritário, uma nova face à educação no País com requinte de perversidade e obscurantismo (apoiado no conservadorismo e em um grupo fundamentalista de extrema direita), no intuito de ceifar qualquer perspectiva de autonomia ou pensamento crítico.

Tais textos analisam as práticas políticas libero-conservadoras-autoritárias planetárias, com destaque ao cenário nacional. Esta coletividade de autores espera contribuir para o pensamento crítico, libertário e de resistência a um mundo em disputa e que, perigosamente, pode voltar a beirar o obscurantismo societal.

Os organizadores

Fabiano G. Faria & Mauro Luiz B. Marques

Extrema direita e neofascismo: um fenômeno planetário: o caso Bolsonaro

Michael Löwy¹

Observamos nos últimos anos um espetacular ascenso da extrema direita reacionária, autoritária e/ou **neofascista**, que já governa metade dos países em escala planetária: um fenômeno sem precedente desde os anos 1930. Alguns dos exemplos mais conhecidos: Trump (USA), Modi (Índia), Urban (Hungria), Erdogan (Turquia), ISIS (o Estado Islâmico), Duterte (Filipinas), e agora Bolsonaro (Brasil). Mas em vários outros países temos governos próximos desta tendência, mesmo que sem uma definição tão explícita: Rússia (Putin), Israel (Netanyahu), Japão (Shinzo Abe), Áustria, Polônia, Birmânia, Colômbia etc.

Em cada país esta extrema direita tem características próprias: em muitos países (Europa, Estados Unidos, Índia, Birmânia) o “inimigo” - isto é, o bode expiatório - são os muçulmanos e os imigrantes; em certos países muçulmanos, são minorias religiosas (cristãos, judeus, yazidis). Em alguns casos predomina o nacionalismo xenofóbico e o racismo, em outros o fundamentalismo religioso, ou então o ódio à esquerda, ao feminismo, aos homossexuais. Apesar desta diversidade, há alguns traços comuns à maioria, senão a todos: o autoritarismo, o nacionalismo integral – “*Deutschland über alles*” e suas variantes locais: “*America First*”, “O Brasil acima de tudo” etc. – a intolerância religiosa ou étnica (racista) contra o “Outro”, a violência policial/militar como única resposta aos problemas sociais e à criminalidade.

A caracterização como fascista ou neofascista pode se aplicar a alguns, mas não a todos. Algumas forças políticas têm características diretamente fascistas: é o caso do partido “Aurora Dourada”, na Grécia, da CasaPound na Itália, do Jobbik húngaro, e de vários partidos nacionalistas nos países bálticos, na Ucrânia, na Bulgária e em outros países do Leste europeu. Outros, como os partidos racistas da Holanda, Inglaterra, Suíça, Dinamarca, não têm raízes no passado fascista.

1 Sociólogo, diretor emérito de pesquisas do *Centre National de la Recherche Scientifique*, de Paris. Estudioso do marxismo, desenvolveu pesquisas sobre as obras de Karl Marx, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Georg Lukács, Lucien Goldmann e Walter Benjamin.

Proponho designar como **neofascistas** líderes, partidos, movimentos ou governos que têm semelhanças significativas com o fascismo clássico dos anos 1930 - e com frequência, raízes históricas neste passado - mas também algumas diferenças substanciais. Tratam-se de fenômenos novos, que não são idênticos aos que conhecemos no passado. Alguns exemplos seriam: o partido de Marine Le Pen na França, o FPÖ (“Liberal”) da Áustria, o partido Vlaams Belang na Bélgica, Salvini e a Lega italiana, Jair Bolsonaro (sem partido orgânico) etc. Trump tem alguns aspectos neofascistas, mas misturados com um reacionarismo tradicional.

Outros conceitos são usados para designar a extrema direita atual. O termo “conservadorismo” é muito utilizado no Brasil, mas não é o mais apropriado: não se trata de uma corrente conservadora, no sentido tradicionalista da palavra, nostálgica do passado, mas de um autoritarismo violento, moderno, geralmente neoliberal. Bem pior é o termo de “Populismo”, muito utilizado pela mídia burguesa e pela ciência política acadêmica para designar a extrema direita. É um conceito inoperante e mistificador por várias razões:

- sua definição é tão vaga e imprecisa – “populistas são líderes que se dirigem diretamente ao povo, pretendendo lutar contra as elites” - que pode se aplicar praticamente a qualquer líder político;

- nada tem a ver como o que habitualmente se designa como “populismo”, em particular na América Latina: Vargas, Perón, Cardenas, João Goulart etc. - isto é, líderes com um discurso e, até certo ponto, uma prática nacionalista, anti-imperialista e um programa de reformas sociais moderadas;

- funciona como um eufemismo, ocultando a realidade destes líderes e regimes de extrema direita, profundamente antipopulares, intolerantes, com traços fascizantes; e

serve para confundir o público, colocando no mesmo saco como “populistas de direita e de esquerda” todos os críticos da globalização neoliberal.

Como explicar este espetacular ascenso da extrema direita e do neofascismo, em forma de governos, mas também de partidos políticos que ainda não governam, mas têm ampla base eleitoral e influenciam a vida política do país (França, Bélgica, Holanda, Suíça, Suécia etc.)? É difícil propor uma explicação geral para fenômenos tão diferentes, expressões de contradições específicas a cada país ou região do mundo; mas como se trata de uma tendência planetária, é necessário pelo menos examinar algumas hipóteses.

A mais evidente, e sem dúvida pertinente, é que a globalização capitalista – que é também um processo de brutal homogeneização cultural – produz e reproduz, em escala mundial, formas de *pânico identitário* (o termo é do crítico marxista Daniel Bensaid), alimentando manifestações nacionalistas e/ou religiosas intolerantes e favorecendo conflitos étnicos ou confessionais. Quanto mais a

nação perde seu poder econômico devido à globalização, tanto mais se proclama a imensa glória da Nação “Acima de Tudo”.

Outra explicação seria a crise financeira do capitalismo que se inicia em 2008, provocando depressão econômica, desemprego, marginalização. Este fator foi sem dúvida importante para a vitória de um Trump ou de um Bolsonaro, mas é bem menos válido para a Europa: em países ricos, menos afetados pela crise, como Suíça e Áustria, a extrema direita tem um grande poder, enquanto que nos países mais atingidos pela crise, como Portugal, Espanha e Grécia, é a esquerda ou a centro-esquerda que é hegemônica, enquanto que a extrema direita é marginal.

Estes dois processos se dão em uma sociedade capitalista onde o neoliberalismo operava desde os anos 1980, aprofundando as desigualdades sociais e as injustiças sociais e concentrando as riquezas – como acontecia no capitalismo liberal pré-1929. Estas explicações são úteis, pelo menos em alguns casos, mas são insuficientes. Não temos ainda uma análise global, que dê conta de um processo que é mundial, e que ocorre em um momento histórico determinado.

Seria uma volta aos anos 1930? A história não se repete: existem evidentes semelhanças, mas os fenômenos atuais são bastante diferentes dos modelos do passado. Sobretudo, não temos - ainda - Estados totalitários comparáveis com o regime fascista italiano ou o Terceiro Reich Nazista. Os partidos neofascistas atuais não organizam tropas de choque paramilitares uniformizadas para aterrorizar a esquerda, como era o caso dos *camisas negras* de Mussolini, ou da *Sturmabteilung (SA)* de Adolf Hitler.

A análise marxista clássica do fascismo o definia como uma reação do grande capital, com o apoio da pequena burguesia, diante de uma ameaça revolucionária do movimento operário. Podemos nos interrogar se esta interpretação realmente explica a natureza do fascismo na Itália, Alemanha ou Espanha, nos anos 1920 e 1930. Em todo caso, ela não é pertinente no mundo atual, por várias razões: a) não existe, em nenhum dos países em que o neofascismo está em ascensão, uma “ameaça revolucionária”; b) o grande capital manifesta pouco entusiasmo pelo programa econômico “nacionalista” da extrema direita, embora possa se acomodar a esta política; c) o apoio aos Trump, Bolsonaro ou Le Pen não se limita à pequena burguesia, mas inclui grandes contingentes populares e mesmo da classe operária.

Estas diferenças justificam o uso do termo “neofascismo” para designar forças políticas que apresentam traços fascistas sem serem uma reprodução do passado. O site francês *Mediapart* escreveu num editorial recente, a propósito do ascenso da extrema direita na França e no mundo: “é cinco minutos antes de meia

noite”. Mas não é tarde demais para tratar de impedir a “resistível ascensão de Arturo Ui” - para citar o título da famosa peça de teatro antifascista de Bertolt Brecht.

O fenômeno Bolsonaro tem muito em comum com esta vaga planetária “marrom” (cor da camisa das milícias nazistas dos anos 1930). Mas há algumas diferenças importantes se comparamos, por exemplo, com a Europa:

1) em vários países europeus existe uma continuidade política e ideológica entre movimentos neofascistas atuais e o fascismo clássico dos anos 1930, mas esse não é o caso no Brasil. O fascismo brasileiro, o integralismo, chegou a ter bastante peso nos anos 1930, inclusive influenciando o golpe do Estado Novo em 1938. Mas o fenômeno Bolsonaro tem pouca relação com esta matriz antiga; pouquíssimos entre seus partidários sabem o que foi o integralismo.

2) ao contrário da maioria da extrema direita europeia, Bolsonaro não fez do racismo sua principal bandeira. Certo, algumas de suas declarações tinham claro caráter racista, mas não foi o tema central, mobilizador, de sua campanha.

3) o tema da luta contra a corrupção está presente no discurso da extrema direita europeia, mas de forma marginal. No Brasil é uma velha tradição, desde os anos 1940, dos conservadores: se levanta a bandeira do combate à corrupção para justificar o poder das oligarquias tradicionais e, segundo o caso, legitimar golpes militares. Bolsonaro conseguiu manipular este sentimento legítimo de indignação contra os políticos corruptos para se impor, e venceu a disputa de opinião na sociedade ao identificar (falsamente) o Partido dos Trabalhadores (PT) como o núcleo do sistema político do Estado brasileiro e como o grande responsável central pela corrupção.

4) o ódio à esquerda, ou ao centro-esquerda – no Brasil, o PT – não é um tema importante da extrema direita na Europa ocidental; ele está presente, isto sim, nas correntes fascizantes da Europa oriental, nas ex-democracias populares. Neste caso, se trata de uma referência a uma experiência real do passado; no caso brasileiro, o discurso violentamente anticomunista de Bolsonaro nada tem a ver com a realidade brasileira presente ou passada. Ele é tanto mais absurdo porque a Guerra Fria já acabou há várias décadas, a União Soviética não existe mais, e o PT obviamente nada tinha a ver com o comunismo (em qualquer definição possível deste termo).

5) Enquanto boa parte da extrema direita, em particular na Europa, denuncia a globalização neoliberal em nome do protecionismo, do nacionalismo econômico e do combate à “finança internacional”, Bolsonaro apresentou um programa econômico ultraliberal, com mais globalização, mais mercado, mais privatizações, além de um completo alinhamento com o império americano. Isto lhe garantiu,

sobretudo no segundo turno, o apoio decisivo das forças do capital financeiro e industrial, assim como do agronegócio. A oligarquia capitalista brasileira preferia outros candidatos, mas ao se dar conta de que Bolsonaro era o único capaz de vencer o PT, aderiu massivamente a ele.

6) Enquanto a religião tem um papel limitado na ascensão da extrema direita europeia (salvo na Polônia e na Hungria), no Brasil as igrejas neopentecostais, com seu discurso homofóbico e antifeminista ultrarreacionário, tiveram um papel essencial na vitória de Bolsonaro.

O que é comparável na extrema direita europeia, norte-americana e brasileira (Bolsonaro) são dois temas de agitação sociocultural reacionária:

I. A ideologia repressiva, o culto da violência policial, o chamado a restabelecer a pena de morte e a distribuir armas à população para sua “defesa contra a criminalidade”; e,

II. A intolerância com as minorias sexuais, em particular os homossexuais. É um tema agitado, com certo sucesso, por setores religiosos reacionários, com referência católica (Opus Dei, Civitas etc.) ou, sobretudo, evangélica neopentecostal.

Estes dois temas foram decisivos para a vitória de Bolsonaro. Outros fatores foram importantes: a) o desgaste do PT e da direita convencional. Mas havia outros candidatos que poderiam se apresentar como anticorrupção e “fora do sistema”, p.ex. a Marina Silva. Por que não tiveram sucesso? b) o papel nefasto da mídia. Mas ela estava dividida, nem todos fechavam com Bolsonaro; c) as *fake news*, enviadas por WhatsApp a milhões de brasileiros. Resta explicar por que tantas pessoas acreditaram em mentiras tão grosseiras; d) o desejo, de parte significativa da população, de um “Salvador da Pátria”, um “Homem Forte”, um “Mito”, capaz de “restabelecer a ordem” e “limpar o país”.

Ainda nos falta uma explicação convincente do incrível sucesso, em poucas semanas, da candidatura de Bolsonaro, apesar da violência, da truculência, da misoginia, da ausência de programa e da apologia descarada da ditadura e da tortura. Armando Boito Jr. publicou recentemente um artigo interessante no blog “A terra é redonda”, onde ele define Bolsonaro como **neofascista**. Comparto esta caracterização, embora discorde da definição que ele propõe, citando Togliatti, do fascismo: “movimento fascista é um movimento reacionário de massa enraizado em camadas intermediárias das formações sociais capitalistas”. Isto era talvez acertado nos anos 1930, mas é bem menos pertinente no século XXI. Hoje em dia, Marine Le Pen e Bolsonaro - para citar dois exemplos de neofascismo - têm um amplo apoio entre as classes populares, inclusive operários. Uma das contribuições mais interessantes do ensaio de Boito Jr. me parece ser sua caracterização da ideologia neofascista de Bolsonaro:

[...] fascismo e o neofascismo são movidos por um discurso superficialmente crítico e ao mesmo tempo profundamente conservador sobre a economia capitalista e a democracia burguesa – crítica ao grande capital e defesa do capitalismo; crítica à corrupção e à “velha política” combinadas com a defesa de uma ordem autoritária. A ideologia de ambos é heterogênea e pouco sistemática; nela se destacam a designação da esquerda como o inimigo a ser destruído (Bolsonaro não proclamou abertamente em discurso transmitido nos telões da Avenida Paulista que a esquerda em seu governo deveria emigrar ou iria para a prisão?); o culto da violência (alguma dúvida sobre isso no que respeita ao bolsonarismo?); seu caráter principalmente destrutivo, negativo, não propositivo (Bolsonaro não esclareceu, para justificar sua falta de propostas positivas, que o governo dele será uma quimioterapia para o Brasil?); o irracionalismo (a terra é plana e o aquecimento global uma invenção, certo?); um nacionalismo autoritário e conservador (culto da homogeneidade da sociedade nacional e rejeição dos “desviantes”) e a politização do racismo e do machismo, ervas que brotam espontaneamente no solo da sociedade capitalista – na desigualdade de classe, na organização patriarcal da família, no autoritarismo da empresa capitalista – e que o fascismo alça, com o seu programa partidário, para a cena política.

Marilena Chauí também publicou no mesmo blog um interessante trabalho sobre os autoritarismos de nossa época. Marilena recusa o termo de fascismo para estes novos fenômenos, preferindo o conceito de “totalitarismo neoliberal”. Segundo Chauí, o fascismo era militarista, imperialista e colonialista, o que não é o caso dos regimes autoritários atualmente. Me parece um equívoco, pois há vários exemplos de fascismos do passado sem vocação imperialista, como o franquismo espanhol. O conceito de “totalitarismo neoliberal” é interessante, mas me parece que ele pode tomar várias formas, uma das quais corresponde ao que chamamos de neofascismo. Entretanto, sua análise do discurso destes governos autoritários, incluindo naturalmente Bolsonaro, me parece muito acertada:

Ideologicamente, com a expressão “marxismo cultural”, os gestores perseguem todas as formas e expressões do pensamento crítico e inventam a divisão da sociedade entre o bom povo, que os apoia, e os diabólicos, que os contestam. Por orientação dos consiglieri, pretendem fazer uma limpeza ideológica, social e política e para isso desenvolvem uma teoria da conspiração comunista, que seria liderada por intelectuais e artistas de esquerda. Os conselheiros são autodidatas que se formaram lendo manuais e odeiam cientistas, intelectuais e artistas, aproveitando-se do ressentimento que a extrema direita tem por essas figuras. Como tais conselheiros estão desprovidos de conhecimentos

científicos, filosóficos e artísticos, empregam a palavra “comunista” sem qualquer sentido preciso: comunista significa todo pensamento e toda ação que questionem o status quo e o senso-comum (por exemplo: que a terra é plana; que não há evolução das espécies; que a defesa do meio ambiente é mentirosa; que a teoria da relatividade não tem fundamento, etc.).

São esses conselheiros que oferecem aos governantes os argumentos racistas, homofóbicos, machistas, religiosos, etc., isto é, transformam medos, ressentimentos e ódios sociais silenciosos em discurso do poder e justificativa para práticas de censura e de extermínio.

Gostaria de concluir propondo uma pista de reflexão para o Brasil e a América Latina: precisamos construir amplas Frentes Únicas Democráticas e/ou Antifascistas para combater esta onda da “Peste Marrom”. Mas precisamos também levar em conta que o sistema capitalista, sobretudo nos períodos de crise, produz e reproduz constantemente fenômenos como o fascismo, o racismo, os golpes de estado e as ditaduras militares. A *raiz* destes fenômenos é sistêmica, portanto, a alternativa tem de ser *radical*, isto é, antissistêmica. Concretamente isto significa uma alternativa anti-imperialista e anticapitalista: o socialismo. Ou melhor, o ecossocialismo, porque a questão ecológica terá um lugar cada vez maior no enfrentamento com Bolsonaro e seu protetor *yankee*, *Trump*. Um ecossocialismo afro-indo-americano (parafraseando José Carlos Mariategui) que supera os limites dos movimentos socialistas do século passado - o compromisso socialdemocrata com o sistema, e a degeneração burocrática do chamado “socialismo real” -, mas recupera as bandeiras revolucionárias latino-americanas, de Simón Bolívar a Ernesto Che Guevara., de José Martí a Farabundo Martí, de Emiliano Zapata a Augusto Cesar Sandino, de Zumbi dos Palmares a Chico Mendes.